

O uso do conceito de Estigma para compreender a discriminação contra o imigrante haitiano no interior do Rio Grande do Sul.

Fernando Diehl¹

Muitos são os termos utilizados em nossas conversas cotidianas que muitas vezes acabamos nos utilizando de conceitos sem refletirmos no que eles realmente significam. O sociólogo pode muitas vezes cair nessa “armadilha” filológica ao tratar de termos sem a devida flexibilidade exigida pela profissão. É claro, isto não significa que em todas as nossas conversas com outras pessoas, por exemplo, ao alguém indagar que está sofrendo de uma crise de identidade, o sociólogo deve questionar se o conceito de identidade é de acordo com Touraine ou Bourdieu. Apenas quer dizer que, no trabalho de investigação sociológica, a construção do conceito é uma das etapas fundamentais para a realização e desenvolvimento de uma boa pesquisa sociológica.

Por isso tentarei fazer uma breve descrição sobre o conceito de “*estigma*” e o seu uso em relações sociais com os recentes imigrantes haitianos. Ao verificar uma das fontes primárias para compreender o significado de uma palavra, tendo em consideração que utilizamos o termo estigma “em nosso discurso diário com fonte de metáfora e representação, de maneira característica, sem pensar no seu significado original” (GOFFMAN, 2013, p.15). O dicionário Aurélio descreve *estigma* como: “cicatriz, sinal”. E *estigmatizar* como “1. Marcar com estigma. 2. Censurar, condenar”. Esta é uma compreensão bastante simplória, e dificilmente poderia expressar o sentimento simbólico que tal palavra quer designar na pesquisa sociológica. Como atualmente existem diversos *dicionários de Sociologia* para melhor expressarem o significado de um conceito, no dicionário da editora Paulus (GALLINO, 2005) a palavra Estigma logo nos direciona ao termo *Traços Somáticos*. Segundo tal dicionário, o termo traços somáticos, significam

estatura, cor da pele, a cor e a forma dos cabelos, a cor e o formato dos olhos, a pilosidade do corpo e de determinadas partes dele, o porte corpóreo, a presença ou ausência de mutilações ou malformações ósseas, quer inatas, quer adquiridas por causa do tipo de nutrição ou do clima, ou por meio de intervenções humanas ou de idade [...] (GALLINO 2005, p.640).

Tais características melhor descrevem o que sociologicamente pode ser compreendido como Estigma, em consideração que diversos grupos sociais, seja em questão interna ou externa em relação a outros grupos, constroem características positivas ou negativas deles mesmo ou impõem a outros grupos. Este fator, na interação entre os sujeitos corrobora para o surgimento de um signo dando

¹ Mestrando em Sociologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

origem a formas acentuadas de diferenciação social, ou seja, a desigualdade e discriminação podem ter sua origem neste fator. Consequentemente, “quando um traço somático é objeto de avaliações negativas especialmente difusas e hostis, capazes de marcar severamente a identidade e a autoestima do sujeito [...] isto se chama estigma” (GALLINO, 2005, p.641). Chega-se então, ao conceito de Estigma e como compreendê-lo em uma análise sociológica.

Mesmo sendo um dicionário de Sociologia, o termo ainda está bastante vago e preciso um maior aprofundamento, portanto, será utilizado o que o Sociólogo canadense Erving Goffman, descreveu como sendo Estigma, presente em seu livro *Estigma – notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. A primeira questão que Goffman descreve acerca do estigma, é que ele consiste em uma “situação do indivíduo que está inabilitado para a aceitação social plena”. Ou seja, existe algo, que inibe uma completude do ser individual em uma interação social.

Para tal, Goffman faz inicialmente uma compreensão histórica da origem do termo Estigma, o que remete aos tempos *helênicos*, ou seja, na Grécia Clássica, grupo que criou o termo estigma para descrever sinais corporais que pretendia evidenciar alguma coisa, seja positivo ou negativo sobre o status moral de quem apresentava tais sinais. Já no período europeu medieval, quando a fé Cristã (católica) começa a exercer uma maior influência sobre o pensamento vigente, o termo começa a ser compreendido para expressar sinais corporais da graça divina. Todavia, atualmente o termo seria para designar algo referente à uma “desgraça”, ou seja, pejorativo.

Portanto, acerca da questão de Estigmatização, Goffman (2013, p.13) conceitua como “referência a um atributo profundamente depreciativo, mas o que é preciso, na realidade, é uma linguagem de relações e não de atributos. Um atributo que estigmatiza alguém pode confirmar a normalidade de outrem, portanto ele não é, em si mesmo, nem honroso nem desonroso”. Para uma melhor compreensão, Goffman descreve três tipos de estigma,

Em primeiro lugar, há as abominações do corpo – as várias deformidades físicas. Em segundo, as culpas de caráter individual, percebidas como vontade fraca, paixões tirânicas ou não naturais, crenças falsas e rígidas, desonestidade, sendo essas inferidas a partir de relatos conhecidos de, por exemplo, distúrbio mental, prisão, vício, alcoolismo, homossexualismo, desemprego, tentativas de suicídio e comportamento político radical. Finalmente, há os estigmas tribais de raça, nação e religião, que podem ser transmitidos através de linhagem e contaminar por igual todos os membros de uma família (GOFFMAN, 2013, p.14).

Isso quer dizer que o indivíduo que de alguma maneira teria sido aceito em uma interação social cotidiana facilmente, possui um traço que pode impor uma forma de atenção afastando os outros que ele encontra, muitas vezes, desconsiderando outros possíveis atributos seus. Em consequência disso, o Estigma é um signo, um elo utilizado por um grupo ou indivíduo, para exercer

dominação sobre outro. Essa dominação pode ocorrer de diversas formas, desde agressão física, à sanções sociais (nisso pode-se caracterizar questões econômicas, políticas e culturais) e até mesmo de caráter simbólico. No cotidiano podem-se verificar questões existentes no que tange à Sociedade. Por exemplo, o uso de fofoca para estigmatizar e diminuir outro grupo social, é um fenômeno sociológico deveras importante. Pois em um pequeno grupo, um micro espaço sociológico, pode-se manifestar questões macro, que estão presentes em outras esferas da sociedade. E este tema é de uma pesquisa clássica em Sociologia, realizada por Norbert Elias, presente no livro “*os estabelecidos e os outsiders*”, Na qual Elias apresenta formas e “condições em que um grupo consegue lançar um estigma sobre outro” (ELIAS; SCOTSON, 2000, p.23).

É claro, tal questão não deve ser compreendida como uma caixa pronta e finalizada e que simplesmente deve ser posta em um fenômeno social a ser estudado e tudo já está pronto e resolvido, se assim fosse, pesquisas sociais não precisariam ser feitas. Afinal de contas, as “pessoas dispõem de uma gama de termos que estigmatizam outros grupos, e que só fazem sentido no contexto de relações específicas entre estabelecidos e outsiders” (ELIAS; SCOTSON, 2000, p.27), ou seja, entra nesta questão o papel do sociólogo pesquisar e verificar as especificidades do contexto social a qual ele está pesquisando.

Portanto, Estigma é um signo que um grupo, que possui alguma característica de “estabelecido” – ou seja, detém o poder – de dominação sobre um grupo subjugado. A questão da recente imigração, pode ser caracterizada por um processo de estigmatização, por parte de moradores de uma cidade, por já estarem estabelecidos como os detentores do sentido de ser daquela região, o imigrante é um estrangeiro, um outsider, sendo visto com maus olhos por uns, mão de obra barata por outros, ou empatia por outros. O cerne desta perspectiva é ter discernimento do estigma realizado por moradores de uma cidade contra imigrantes (haitianos) se dá especificamente pela questão étnica. Em consideração que os imigrantes haitianos são negros, com isso, salienta-se o racismo e preconceito existente no Brasil, pois muitos dos imigrantes de outras nacionalidades - cuja pigmentação de pele é branca – não sofrem a discriminação e estigma que os imigrantes negros recebem dos moradores da cidade.

Muitos desses imigrantes são considerados pelos moradores locais como “incapazes de se integrarem às normas e linguagens preferidas pelas populações dominantes” (SCOTT, 2010, p.123), gerando assim a estigmatização. A questão racial é muito pertinente no que tange a construção do estigma contra a nova onda de imigração (no caso haitiana), pois é um dos principais fatores que geram o preconceito, ou seja uma “atitude que predispõe uma pessoa a pensar, perceber, sentir e agir de maneira favorável ou desfavorável em relação a integrantes de determinado grupo” (GIL, 2011,

p.132), gerando estereótipos, que é constituído por “descrições exageradas aplicadas a cada pessoa que integra determinada categoria” (GIL, 2011, p.133) e isto é um estigma.

Em consequência desta questão, muitos dos moradores veem com maus olhos os imigrantes, por construírem símbolos de estigma contra eles, muitos deles já existentes no cotidiano de suas relações, existentes por causa do racismo. Logo, o imigrante haitiano é visto da mesma maneira pejorativa que o negro é visto na sociedade brasileira. Atribuem a eles características, na maioria das vezes fantasiosas, pois pouco se relacionam com eles, o que corrobora para a proliferação do preconceito contra os imigrantes. É claro, aqui devo fazer um parêntese pois existem também outros fatores determinantes para uma ampliação do estigma contra o grupo dominado, é a língua, pois a fala é a mais importante forma de sociabilidade existente entre os seres humanos e, uma vez que você não consegue se identificar com o grupo por não falar o mesmo idioma, isso amplia as barreiras de divisão com o grupo, facilitando e potencializando assim a dominação contra o grupo através de atos simbólicos realizados no cotidiano, como por exemplo, a fofoca dita contra eles no dia-a-dia.

É claro que, não podemos fazer previsões de como será o futuro acerca desta questão da recente imigração haitiana no Brasil. Existem correntes como a Escola de Chicago, em sua primeira geração na qual alegava esse processo migratório não “não traria uma destruição da cultura das minorias, pois ela não consiste, para o migrante, em repúdio de seus valores e de seu modo de vida tradicional em prol das normas culturais da “sociedade do acolhimento”, mas em tornar-se implicado em grupos cada vez mais amplos e inclusivos” (POUTIGNAT; STREIFF-FENART, 2011, p.65). É claro, eles estavam estudando o caso na cidade de Chicago, por isso, novamente devemos ter o referencial teórico como base, mas não um molde já definido, a realidade social a qual será pesquisada, mostrará diferentes existentes ou não. Pois contextos sociais diferentes podem mostrar resultados diferentes, todavia a essência da questão teórica é o que deve ser perdurado, ou melhor, considerado ao tratar de compreender um fenômeno sociológico.

A questão é que, hoje, estigmas são gerados contra os imigrantes, forma que o grupo dominante, os moradores locais, usam contra os imigrantes recém chegados, para manterem seu monopólio e dominação do sentido de visão de mundo que tal grupo quer que seja o “verdadeiro”. Portanto, verificar quais são os estigmas gerados pelos dominantes contra os imigrantes, como eles se formam e se perpetuam nas relações sociais cotidianas, é uma questão importante para a Sociologia clarificar e pesquisar. Tendo em consideração, que o estudo sociológico da questão da Imigração ainda carece de mais pesquisas para uma melhor compreensão do fenômeno. Interessando, para a Sociologia, a respeito da questão da imigração, analisar as relações sociais que se estabelecem entre os “normais” (ou dominantes) e os estigmatizados. Como o portador de um estigma desenvolve sua

ação social com outros indivíduos, seja em seu grupo de pertencimento ou outro, visto em consideração de que ele está inseguro e com dificuldades em ser reconhecido e mostrar o seu sentido para uma determinada questão. Como o portador de um estigma desenvolve sua ação social com outros indivíduos, seja em seu grupo de pertencimento ou outro, visto em consideração de que ele está inseguro e com dificuldades em ser reconhecido e mostrar o seu sentido para uma determinada questão?

Com isso, Como Goffman dizia em sua teoria, , fazendo com que o ator não saiba como agir - desde sua forma de olhar ao que falar – com outra pessoa que não seja de seu grupo. Em consideração que, muitas vezes na interação entre um sujeito estigmatizado e um outro, o estigmatizado poderá sentir-se sendo constantemente vigiado em todas as suas ações, para ver como ele vai se portar ou o que dizer. Consequentemente, este fator será uma das razões que levará o indivíduo estigmatizado, no caso o imigrante, a desenvolver estratégias para encobrir sua identidade, podendo assim tentar garantir viver uma vida normal.

Bibliografia

ELIAS, Norbert; SCOTSON, John L. *Os Estabelecidos e os Outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade*. Rio de Janeiro, Zahar, 2000.

FERREIRA, Marina Baird. *Minidicionário da língua portuguesa Aurélio Buarque de Holanda*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1993.

GALLINO, Luciano. *Dicionário de Sociologia*, São Paulo: Paulus, 2005.

GOFFMAN, Erving. *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. Rio de Janeiro, LTC, 2013.

POUTIGNAT, Philippe; STREIFF-FENART, Jocelyne. *Teorias da Etnicidade*. São Paulo, Unesp, 2011.

SCOTT, John. *Sociologia: conceitos-chave*. Rio de Janeiro, Zahar, 2010.